

contra-contos em (des)encontro: a demanda pelo protagonista como resistência e construção de si em “A terceira margem” de Benedicto Monteiro

Prof. MSc. Abilio Pacheco¹

Resumo: A terceira narrativa da tetralogia amazônica de Benedicto Monteiro, assim como as duas anteriores, possibilita a reflexão sobre o contexto histórico da ditadura militar vigente no país nas bordas do furacão. Assim como nos romances anteriores (Verdevagomundo e O Minossauro), temos obras abertas, polifônicas, polvilhadas de textos de gêneros variados, inclusive não-literários, os quais ajudam a compor um painel da época e favorecem a percepção dos problemas nacionais mesmo a trama se passando longe dos centros urbanos. Nestes romances, argamassam toda esta pletora de textos as falas de um narrador culto urbano (um major em “Verdevagomundo”, um Geólogo em “O Minossauro” e um professor de Geografia em “A Terceira Margem”) e as falas de um narrador caboclo falando em linguagem regional (Miguel dos Santos Prazeres em todos os romances). Entretanto, enquanto há contato entre Miguel e os narradores dos dois primeiros romances, em “A terceira margem” temos a busca do professor de Geografia por Miguel. O professor alimenta um projeto literário e crê a substância para sua narrativa seja Miguel, o ser-palavra, a palavra-ser. Essa demanda à medida que favorece uma possibilidade de construção de si, também emerge como um ato político, de resistência e de subversão subterrânea.

Palavras-chave: literatura de resistência, literatura amazônica, escrita de si.

0.

Podemos pensar a Amazônia como margem. Margens. À margem. Às margens. Fronteira. Limite. Fim de mundo. Ou reserva para um novo. “Pelo menos aqui temos

¹ Professor Assistente II / Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança.
Coordenador do Grupo de Pesquisas NARRARES - “Estudos de Literatura de Resistência”
Doutorando em Teoria e História Literária – IEL-UNICAMP.
Orientador: Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva

água” – ouvi com certa recorrência esta frase desde o agravamento da crise de abastecimento em Sampa. Não à toa a leitura de romancistas e poetas da região é perpassada por este elemento natural com alguma insistência. De fato, a vivência nesta região: mar, rios, igarapés, encontros e compromissos são marcados após a chuva da tarde, as estações do ano são chuvas, cheias e estiagem, em algumas regiões as chuvas são diárias, em outras meses sem chuva mas enchentes de afogar árvores por causa das chuvas nas nascentes... “Este rio é minha rua”², eu flano e flumo, “os rios que somos”³, as margens somos, elas nos unem (autóctones) e nos isolam... (como é mesmo o antônimo de autóctone?). Elas nos aproximam e nos repelem. Quando parece que finalmente a região teria alguma atenção maior (cá nós sempre seremos a reserva para um futuro que não chega), nascem os campos do pré-sal na encosta brasileira do outro lado do mapa. Nosso status marginal perdura e – palavras de Milton Hatoum – ainda vai perdurar pelos próximos 100 ou 200 anos. Aqui as políticas públicas de esquerda ou direita, ditatoriais ou democráticas conseguem chegar apenas quando a força do Estado se faz necessária através da violência policial ou sob égide do progresso “bom para todos” mesmo a custa do sacrifício de alguns. Não me refiro necessariamente a Belém ou a Manaus, estas cidades podem ser consideradas um paraíso sob o ponto de vista de suas periferias mas são elas também reprodutoras da paisagem nacional, uma vez cooptadas pelas políticas nacionais ou por maus políticos locais. O isolamento que impede benefícios públicos nunca impediu os malefícios da insânia do progresso e da violência político-policialesca. Nestas margens, não se passou ao largo da conjuntura nacional e a ditadura militar de 64 também se fez presente. Aos militantes daqui morte, tortura, desaparecimentos... mas também um tipo de exílio único. Professores universitários de esquerda, militantes com bom conhecimento técnico mas com certa orientação marxista não voaram para Chile, Argélia ou Paris, foram retirados do cenário e enviados de po-po-pô ou teco-teco para os confins da Amazônia, seja por conta própria seja enviados pelo governo para trabalhar em grandes projetos na região. Este exílio intra-nacional é pouco conhecido. A ele, parece-me, não caber sequer idenização do Estado.

² Letras de canção de Paulo André Barata, conhecida pela interpretação na voz de Fafá de Belém.

³ Título de um livro do poeta e professor marabaense Airton Souza,

É neste contexto, nestas margens, nesta margem que se insere a obra de Benedicto Monteiro.

1.

A Tetralogia Amazônica tem como base a escrita e a publicação de 3 romances. *Verdevagomundo*, *O Minossauro* e *A terceira margem*. O cenário desses romances é a Amazônia Paraense, região entre Belém e Alenquer. Região muito conhecida por Benedicto Monteiro que nasceu em Alenquer e à época do golpe de 64 era deputado na capital; ele mesmo um auto-exilado nas matas de sua cidade natal após seu mandato parlamentar ter sido cassado. Esses romances de estrutura fragmentada apresentam uma planta baixa em comum: a inserção de textos literários e não-literários (cartas, poemas, fragmentos de canções, notícias de jornal, transcrições de rádio, relatórios técnicos, depoimentos policiais, etc.) e as falas de dois narradores: um narrador culto-urbano (um major da PM em *Verdevagomundo*, um Geólogo em *O Minossauro* e um professor de Geografia em *A Terceira Margem* e as falas de um narrador caboclo falando em linguagem regional (Miguel dos Santos Prazeres em todos os romances). O quarto romance da Tetralogia, intitulado *Aquele um*, consiste nas falas de Miguel nos três romances anteriores. Benedicto teria atendido a dois apelos para a publicação de *Aquele um*, um deles de Nélida Piñon. “Não perca Miguel e seu Universo criador [...] Miguel é tão forte!” (Castro. 1996, p. 50).

Em *A terceira margem*, a estrutura fragmentária se apresenta de modo regular. Oscilam textos que representam as duas principais preocupações do narrador urbano: reflexões sobre a Amazônia e sobre a atividade da escrita. Nesta seção do romance, intitulada “À margem” estão diretrizes da missão do grupo, transcrições de revistas, jornais, de autores como Barthes e Charles Wagley. A seguir, temos “Primeira margem” com notas sobre a missão do GT-33-CF, sob o ponto de vista do coordenador do grupo, o professor de geografia sem nome próprio, e também os pontos de vista dos outros membros da equipe. É na “Segunda margem”, que encontramos a parte mais narrativa do romance. Ela se apresenta como uma espécie de diário do professor de Geografia (narrador culto urbano) seguida em itálico e separada por um duplo espaço estão as falas

de Miguel dos Santos Prazeres. O diário do Geógrafo centra-se na busca por Miguel como personagem de um romance que deseja escrever além de outras observações sobre seu projeto literário. Após oscilarem à margem, primeira margem e segunda margem nove vezes, temos uma última fala de Miguel intitulada “A terceira Margem”.

Organizando mais ou menos o enredo diríamos que em *A terceira margem* temos, além das falas de Miguel (centradas principalmente no relato de suas fornicações com mulheres de 7 etnias/raças diferentes com as quais teve um filho homem com cada uma delas – uma certa alegoria da mestiçagem da Amazônia⁴) temos o relato sobre um grupo de profissionais, a maioria com formação universitária com doutorado fora do país que são destinados à realização de uma pesquisa na região do Baixo-Amazonas (“a escolher entre Óbidos, Santarém, Monte-Alegre e Alenquer”, pág. 16) a fim de descobrir se a Amazônia seria um “local onde a humanidade ainda poderia tentar uma nova experiência de vida?”. O grupo recebeu o pomposo nome de GT-33-CF: “Grupo de Trabalho para a pesquisa da Cidade do Futuro” e criado por lei determinava a composição obrigatória do grupo: “um arquiteto, um economista, um antropólogo social, um sociólogo, um psicólogo social, um ecologista e um geógrafo que seria o coordenador da pesquisa” (pág. 14). Quem assume a coordenação do grupo é um professor de geografia formado em Belém sem pós-graduação e que para nós leitores se apresenta como o principal narrador do romance em contra-canto ma orquestrando com as falas de Miguel e toda a pletora de citações, transcrições. Este narrador logo resolve “associar, embora secretamente, estas duas letras finais CF ao meu antigo e irrealizado projeto literário” (pág. 15) e para tanto estabelece como um dos objetivos principais encontrar o personagem. Encontrar Miguel dos Santos Prazeres. Ao contrário dos narradores em contra-canto nos dois primeiros romances (*O major em Verdevagomundo* e *Paulo, Geólogo, em O minossauro*), que dialogam com Miguel, estabelecem um contato verbo-visual animoso ou amistoso. Em “A terceira margem”, o professor de Geografia apenas alimenta o desejo de encontrar Miguel. Encontro apenas sugerido no

⁴ O conceito de raça ou etnia é problemático em qual situação, mas aqui é ainda pior, pois um dos filhos de Miguel é com uma nordestina, o que não se encaixa em qualquer conceito de raça ou etnia que se possa citar. Esses relatos de Miguel formam o outro livro de Benedicto Monteiro intitulado “Como se faz um guerrilheiro”.

último bloco da narrativa. O professor segue o “sentido inverso de Pirandelo” e declara que encontrar Miguel será o “centro de seu projeto literário”.

2.

Escrever um romance tem sido tema de romances desde Dom Quixote (especialmente no segundo volume). Este auto-espelhamento narrativo tem se apresentado de modos muitos diversos e não à toa existem teorias que tentam dar conta do mesmo, como o belíssimo trabalho de Linda Hutcheon sobre narrativa narcísica, tipo de romance em que ocorre uma reflexão sobre o processo de escritura, uma auto-consciência formal e temática, além frequentes auto-espelhamentos, não-raro pelo uso do mise-en-âbime. Em muitos casos, o leitor está diante do romance que se vai escrevendo conforme o avanço da leitura. Em Machado, até mesmo reflexões tipográficas sobre o formato da folha em que será vasado o livro a ser metido no prelo estão espargidos em quase todos os romances. Entretanto, temos casos notáveis de publicações de livros/romances cujo relato se refere a busca por um romance não escrito. Ítalo Calvino foi magistral nisso em “Se um viajante numa noite de inverno...” Há na ficção brasileira recente alguns romances que bem flertam com essa busca pelo romance. Em *Verdes anos*, de Fernando Emediato, um diálogo de jovens fala dos projetos pessoais durante e depois da ditadura e um deles declara fazer uma reflexão crítica ao sistema quando a ditadura cair. Em *Pessach, a travessia*, de Carlos Heitor Cony, o narrador, que escreve comercialmente, guarda um romance ‘estético’ mas o projeto não encontra êxito por causa do destino do narrador ao se ver envolvido quase involutariamente com a militância armada. Em *Quatro-olhos*, de Renato Pompeu, o narrador procura reescrever um livro que escreveu durante anos, mas fora confiscado e destruído por policiais (a ditadura?) que invadiu sua casa. Em muitos casos, estamos diante da constituição de cena de narrativa muitas vezes autárquica que dá um tom de eterelidade espaço-temporal (cronotópica) a fim de favorecerem um reflexão de supra-histórica e colocam-nos ante uma dramaticidade quase sem pathos (assunto para o

SELCIR⁵). Essas narrativas, embora com ares de autobiografia ficcional (de personagens de ficção), elas não anulam totalmente o tempo presente. Lejeune (1996) afirma que o autobiógrafo (o que vale também para as autobiografias ficcionais) estão pressos ao passado que narram, eles vivem este passado, embora a autobiografia possa oscilar os verbos no pretérito e o no presente, o autobiógrafo reflete sobre situações e fatos apenas do passado. Todo o presente é nulo. Nestes textos, entretanto, é exatamente o contexto presente que tolhe os projetos de escritores.

Em *A terceira Margem*, o exílio no baixo-amazonas se associa ao desejo de exílio nas palavras, na linguagem. A escritura do romance, entendida como um ato político ou de subversão subterrânea, liberdade indócil ante a obrigação tecnocrática de chefiar uma equipe, é também tentativa de fuga, válvula de escape malograda. Na busca por Miguel, o professor de geografia se depara com as referências ao contexto histórico social da ditadura militar no Brasil. Contexto que emerge inclusive nas falas dos populares a quem pergunta sobre o paradeiro de Miguel e torna-se mais evidente conforme avança a busca empreendida pelo professor. Na três últimas seções do livro (pág 143), encontramos um contraste entre os problemas de identidade e de identificação. Uma equipe do governo (chamada Comando Cívico Social) realiza uma operação documento a fim de identificar toda a população. Mas a este “violento processo de burocratização” Miguel escapa, posto ter apenas, conforme o narrador afirma, “existência natural mas não ter existência jurídica”. Exatamente esta vida de clandestinidade tão apreciada pelo narrador, parece impedir-lhe de atribuir uma existência literária a Miguel. Se este resiste ao cerco de registros e fichas do tempo espaço em que está situado o Comando, “resta, só a mim, romper este cerco, quebrar as correntes que me prendem a esse tempo-espaço e transpor as barreiras que impedem a continuação dessa busca do meu personagem. A linguagem, só a linguagem me resta para prosseguir esta busca: a que eu tenho ouvido através de histórias, conversas e depoimentos já me dá a certeza desse esperado encontro”. É nesta demanda e acreditando que a substância para sua narrativa seja Miguel, o ser-palavra, a palavra-ser, que o narrador vai esboçando também numa auto-construção de uma identidade

⁵ Refiro-me a conferência que será apresentada no IV Seminário de Cinema e Narrativa de Resistência – SELCIR – organizado pelo grupo NARRARES – Narrativa de Resistência.

relativamente encontrada: a de romancista. No romance, não há apenas um auto-espelhamento ou a construção de uma poética (como Linda Hutcheon aponta existir nas narrativas narcísicas) mas também uma construção mais ou menos progressiva no sentido do narrador vir a ser escritor. O narrador critica o livro da tetratologia, ou pelo menos a narração de Paulo. Para ele, em “O minossauro” temos páginas e páginas seguidas de notas em busca de uma essência não encontrada. Também condena técnicas de escritura (como a de gravar falas para transcrever). A necessidade de “captar o som, o ritmo e a consciência da fala” de Miguel iriam se perder na transcrição. Parece-me que Benedicto Monteiro está através de seu narrador criticando alguém especificamente quando escreve: “Muitos escritores parece que têm usado com sucesso este método em várias oportunidades” (p. 30).

x.

Envoltas numa cenografia marginal, real e ficcional, em que autor, narradores e personagens se inserem, as anotações do professor de geografia, à semelhança de um diário imerso num romance multivocal com predominância de um contra-canto, revelam através do desejo de constituição do personagem, a vontade do narrador (e por extensão do próprio Benedicto Monteiro) de se forjar romancista. As notas desenham um esboço em gradação, refletem sobre a arte do romance, ao mesmo tempo que a tentativa de ilhar-se soa como ato político, de resistência e subversão subterrânea. Na busca, o desencontro resolve-se na linguagem. Do tempo presente, absorve-se o contexto e impregna-se dele. Ele está todo cá. E as margens do tempo, espaço e linguagem textuais e textualizadas estão todas aqui.

Referências:

CASTRO, José Guilherme de Oliveira. A Viagem Mágica de Um Herói Amazônida: Miguel dos Santos Prazeres. Porto alegre: PUC-RS, 1996. Tese (doutorado).

HUTCHEON, LINDA. Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox. Waterloo, ON: Wilfrid Laurier UP, 1980.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiografico y otros estudios. Traducción de Ana Torrent. Madrid: Megazul, 1996.

MONTEIRO, Benedicto. A terceira margem. 3a. edição. Belém: CEJUP, 1991.

